



O TESTE ARQUETÍPICO DE NOVE ELEMENTOS (AT-9) E O MÉTODO CAIXA DE AREIA NO ESTUDO DA VELHICE ASILADA¹

Vannessa de Resende Cardoso²
Altair Macedo Lahud Loureiro³

RESUMO: Este artigo resulta de uma pesquisa de campo realizada com idosas e idosos asilados e pessoas envolvidas na organização de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI - na cidade de Goiânia. Serão apresentadas as representações mítico-simbólicas dos três grupos a partir da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (1997). Também serão mostrados os resultados das análises da aplicação do teste AT-9, criado pelo psicólogo francês Yves Durand (1988), e do método Caixa de Areia, concebido por Kalff (1986), nos referidos grupos. A análise revelou a presença de desestrutura no imaginário de sujeitos dos três grupos analisados. Os dados míticos informaram que os idosos – homens e mulheres – não queriam lutar; porém, por vezes, reagiram em decorrência das pressões do asilo, resultando assim na evidência de um imaginário considerado durandianamente como “disseminatório”.

Palavras- chave: velhice asilada; teste AT-9; caixa de areia

THE ARCHETYPE NINE ELEMENTS TEST (AT-9) AND THE SAND PLAY METHOD IN THE STUDY OF INSTITUCIONALIZED ELDERLY

ABSTRACT: This article is the result of a research carried out in a Long Staying Institution for Elderly People - ILPI - in Goiânia city, where three groups were investigated: old man, old women, and institution staff. The mythic and symbolic representations of the three groups were examined considering the imaginary anthropology of Durand, G. (1997). The resulting analysis of the AT-9 test (Durand, Y., 1998) and the Sand Play Method (Kalf, 1986) applied in the referred groups will also be presented. The analysis revealed the presence of unstructured imaginary among the subjects of the three groups. Mythical data informed that elderly – men and women – did not want to fight; however, sometimes they reacted due to social pressures in the nursing home, resulting in the evidence of an imaginary considered in a durandian way as disseminatory.

Key words: institutionalized elderly; AT-9 test; sand play.

¹ Este artigo contém resultados parciais da dissertação de mestrado em Gerontologia intitulada: “Velhice Asilada, Gênero e Imaginário”, apresentada pela primeira autora na Universidade Católica de Brasília (UCB) e orientada pela segunda autora.

² Psicóloga (UCG), Especialista em Psicodrama Triádico (SOBRAP). Mestre em Gerontologia (UCB) e Doutoranda em Psicologia (UFRJ). E-mail: vannnessaresende@gmail.com

³ Doutora em Educação - Antropologia do Imaginário - USP/França e Suíça. Docente do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília – UCB. Aposentada da Universidade de Brasília – UNB. Pesquisadora do cnpq. Conselheira de Educação do Distrito Federal - CEDF . E-mail: altaira@uol.com.br



INTRODUÇÃO

Encontraremos vários estudos sobre velhice na literatura existente sobre o assunto. O entendimento sobre os fatores psico-sociais e biológicos tem sido investigado e conseqüentemente ampliada a compreensão do fenômeno da velhice e do processo do envelhecimento por diversas áreas da saúde, sob diferentes paradigmas. No entanto, investigar velhice institucionalizada, dita tradicionalmente asilada, a partir das representações imagético-simbólicas dos grupos de uma instituição asilar torna-se um desafio, visto que para se entender o não dito, ou seja, aquilo que permeia os espaços asilares, é necessário o uso de uma lente quase mágica.

Outro aspecto desafiante é utilizar o teste AT-9 e o método Caixa de Areia com idosos asilados. As limitações físicas dos internos tornam-se barreiras, mas não impedem a utilização de ambos os instrumentos. Nesse caso, tornam-se necessárias algumas adaptações.

Primeiramente, será destacada a fundamentação teórica que permite a costura de dois instrumentos de pesquisa no entendimento do imaginário dos idosos asilados, idosos asiladas e pessoas envolvidas na organização de uma instituição asilar. Dessa maneira, mostraremos como é possível tecer tal tecido de análise e observar seu resultado.

Arquétipo Teste de Nove Elementos-Teste AT-9 de Durand, Y. (1998)

Segundo Migliorini (1999, p. 173), o Teste AT-9 foi desenvolvido pelo psicólogo francês Yves Durand, apoiado em Gilbert Durand. Ele foi criado, inicialmente, “com o objetivo de colocar empiricamente à prova a *arquetipologia geral* de Gilbert Durand e não é por princípio uma teoria psicodinâmica em específico, mas uma qualificação compreensiva das imagens”.

O teste AT-9 é composto de nove estímulos arquetípicos que levam à emergência do imaginário no “trajeto antropológico” (DURAND, 1997), que são, em ordem de aparecimento: queda, espada, refúgio, monstro devorante, algo cíclico (que gira, produz ou progride), personagem, água, animal (pássaro, peixe, réptil ou mamífero) e fogo. Na primeira parte do teste pede-se para o sujeito desenhar uma história a partir dos nove elementos dados. Depois, pede-se para este sujeito escrever a história ou contá-la. A última parte contém um pequeno questionário e um quadro síntese com as imagens, funções e simbolismos atribuídos pelos sujeitos a cada um dos nove elementos do teste. A partir da forma como os elementos são considerados na história imaginada, e registrados pictórica e semanticamente nos protocolos do teste, é possível verificar a estrutura do imaginário e conhecer o universo mítico do grupo. (DURAND, 1988).

Por meio dessa técnica obtêm-se: os fatos simbólicos, que são materializados por uma imagem (desenho) e um sentido (narração); a organização desses fatos num subconjunto significativo, o qual é obtido por meio das consignas pedidas no teste, necessárias para a pesquisa na busca de uma temática e até mesmo de um cenário; e o processo lingüístico de simbolização, obtido por meio do questionário.

Durand, Y. (1988) caracterizou os universos míticos como: heróicos, místicos ou sintéticos, referindo-se ainda à possibilidade da não-estruturação que pode ser considerada como pseudoestrutura ou desestrutura. O conteúdo temático da cena/história vai revelar um imaginário com: estrutura heróica (tema do combate); estrutura mística (atmosfera do repouso); estruturação sintética (temas do combate e do repouso organizados de forma diacrônica ou sincrônica); e universo da não-estruturação, no qual os nove elementos são representados isoladamente e sem articulação temática aparente entre si.



Caixa de Areia: o jardim da alma

A Caixa de Areia, ou Jogo de Areia, ou *sandplay*, desenvolvida por Kalff (1988), corresponde a um método terapêutico que envolve a utilização de uma caixa com dimensões de 72 cm x 50 cm x 7,5 cm e preenchida até a metade com areia. Seu lado interno é revestido com uma chapa de metal ou plástico rígido de cor azul-escura. Miniaturas e pequenos objetos são dispostos em prateleiras abertas e ficam disponíveis para o uso ao se fazer um cenário na areia.

Essas miniaturas incluem representações realistas de animais selvagens e domésticos, conchas, carros, trens, navios, aviões, pontes, construções, igrejas, ferramentas de trabalho, árvores, flores e figuras humanas (adultos e crianças de muitas nacionalidades e raças em várias situações de vida, tais como fazendeiros, operários, soldados, cavaleiros, esquimós, africanos, asiáticos, entre outros). Em suma, devem ser disponibilizados objetos simbólicos com os quais se pode criar um mundo.

Nenhuma instrução é dada, de acordo com Weinrib (1993), mas o sujeito é encorajado a criar aquilo que desejar na Caixa de Areia. Geralmente, pede-se a ele para contar a história do cenário. A interpretação é realizada à luz da simbologia junguiana e das ampliações arquetípicas que emergem.

A costura do tecido imaginário

O método Caixa de Areia foi utilizado neste estudo como outro instrumento válido para ampliar ou confirmar as análises e as interpretações do imaginário do grupo de idosos asilados, idosas asiladas e pessoas envolvidas na organização do asilo desvendadas com o Teste AT-9. Assim, é apresentada aqui a fundamentação teórica e prática do método da Caixa de Areia, buscando destacar o que existe de comum entre esses dois instrumentos.

O imaginário é trabalhado no processo da Caixa de Areia, para o que se utiliza um

grande número de miniaturas ou imagens, água e areia no espaço delimitado de uma caixa. A pessoa é convidada a montar cenas ou desenhos na areia empregando esses materiais. Esse “brincar” simbólico leva o sujeito a “explorar” e conhecer seu mundo interno ao representá-lo. Após a construção do cenário, pede-se para a pessoa contar a história ali contida. Parte-se do pressuposto de que se pode apreender a reciprocidade circular simbiótica entre o mundo interno e o mundo externo, não apenas por intermédio do Teste AT-9, mas também a partir da Caixa de Areia. Também no teste AT-9 pede-se que, após elaborado o desenho, o sujeito conte a história imaginada e já desenhada.

Ammann (2002, p. 36) considera que “um cenário de areia também é uma espécie de jardim da alma, onde o dentro e o fora se encontram. Nele, uma pessoa pode observar e apreender a reciprocidade entre mundo interno e mundo externo, dentro de um espaço protegido”.

A história do sujeito-autor é contada ao “brincar” na Caixa de Areia. O cenário mostra uma história e o sujeito pode narrar o que ele criou. Vieira e Sperb (1998) questionam qual seria a relação entre o brincar e a narrativa. Para os autores uma determinada situação de brincar tem algo a nos dizer; a história que essa situação nos conta pode assumir a forma de uma estrutura narrativa através da junção da linguagem e da imagem. No discurso do teste AT-9 ocorre também uma junção da linguagem e das imagens semânticas e/ou orais, podendo-se dessa forma desvendar-se a estrutura imaginária.

A cena produzida no cenário da caixa de areia pode ser comparada a uma fotografia tridimensional da psique. O espaço delimitado (o tamanho padrão da caixa), a matéria (areia) e as miniaturas favorecem a criação do cenário, representando-se conteúdos profundos. O AT-9 também apresenta um espaço delimitado para o desenho e a história contada, com margens estabelecidas nas



folhas de papel utilizadas nos protocolos dos testes.

O princípio em que o método da Caixa de Areia se baseia, de acordo com Ammann é que “através da criação com as mãos, as forças que atuam nas profundezas da alma se tornam visíveis e reconhecíveis, e que através das mãos o interior e o exterior, o espírito e a matéria se unem” (AMMANN, 2002, p. 22-23). As mãos também são utilizadas na construção do desenho no teste AT-9, que revelará o imaginário da pessoa. Assim sendo, verifica-se que o interior e o exterior também se unem aqui, ou que as pulsões e pressões do meio cósmico e social se unem, segundo Durand, G. (1997). Isto quer dizer que eles estão amalgamados no trajeto antropológico, eixo da Teoria do Imaginário daquele autor.

Na noção de trajeto antropológico de Durand, G. (1997) conecta-se o pólo subjetivo, da natureza humana, com o pólo objetivo, das manifestações culturais, que se relacionam através de esquemas, arquétipos e símbolos.

Para Loureiro (2004, p. 23) Durand, Y. “constrói um instrumento capaz de levantar/conhecer imagens individuais ou grupais; um instrumento que permite tornar evidentes dados profundos relacionados com a interferência externa”.

A utilização da areia é explicada por alguns autores como facilitadora da comunicação com o inconsciente e pelo fato de ser mutável e impermanente é ideal para a formatação de imagens internas. Ammann (2002, p. 32) argumenta que “a energia psíquica não pode ser representada tão bem com nenhum outro material a não ser com a areia. A areia e a psique têm algo em comum”.

Um dos pontos básicos da teoria junguiana, de acordo com Weinrib (1993) é que os arquétipos se manifestam em imagens que são evocadas pela experiência de vida de uma pessoa. Ammann (2002) afirma que, para Jung, os arquétipos funcionariam como elementos nucleares dinâmicos na psique

humana. A autora argumenta que os arquétipos

[...] são, entre outros, os geradores de imagens simbólicas da mesma espécie ou similares no espírito de povos e culturas diversos. Por causa da existência desses arquétipos e de seu efeito energético na psique pode-se dizer que determinados estados e processos humanos sempre se expressam por meio de imagens simbólicas semelhantes, seja na análise dos sonhos, seja no jogo de areia, nos contos de fadas e nos mitos ou na alquimia. (AMMANN, 2002, p. 59).

O significado de arquétipo para Jung (apud CHAGAS; FORGIONE, 2002, p. 93) é “impressão, (marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore”.

No trabalho com a Caixa de Areia, Weinrib (1993) estabelece que se os arquétipos são as forças formadoras do mundo fenomenal, então por trás de cada miniatura se oculta um arquétipo. A função das miniaturas na Caixa de Areia é encarnar imagens arquetípicas, em tamanho e formato manuseáveis, dentro de um ambiente protegido.

Por meio do Teste AT-9 e da Caixa de Areia, foi possível coletar dados ou “pistas” para entender o observado e o escutado ampliado na relação entre o psíquico e o meio social, bem como a dinâmica do pólo patente e do pólo latente (LOUREIRO, 1998) na instituição asilar ILPI em que foi realizada a pesquisa.

O imaginário dos grupos sujeitos da pesquisa



As análises foram realizadas a partir dos dados míticos de três grupos como mencionado: homens idosos asilados, mulheres idosas asiladas e pessoas, de ambos os sexos, envolvidas na organização de uma instituição asilar da cidade de Goiânia/GO.

A estratégia de separar os sujeitos em três grupos deu-se com a intenção de compreender também o imaginário das pessoas envolvidas com os idosos e de identificar a existência ou não de diferença entre o imaginário dos homens e das mulheres asiladas. Essa possível diferença pode ser a causa do tratamento diferenciado de funcionários e administradores em relação aos homens e as mulheres asiladas, observado em trabalho de cunho terapêutico realizado anteriormente nessa instituição. Dessa maneira, a pesquisa também foi direcionada com o objetivo de verificar essa diferença de tratamento e entender a organização asilar a partir do imaginário das pessoas envolvidas nesta organização.

O universo da pesquisa se constituiu de quatro idosos, três idosas e sete pessoas envolvidas na organização. Neste artigo apresenta-se a análise da Caixa de Areia e do protocolo do teste AT-9 de um idoso e de uma idosa, bem como a análise de ambos os instrumentos de uma pessoa envolvida na organização. Os nomes dos sujeitos são fictícios.

Sujeito 1- *Seu Ceará*:

Asilado do sexo masculino, 64 anos de idade, solteiro, sem religião, ensino fundamental incompleto e permanência de 11 meses no asilo no momento da pesquisa.

Protocolo do Teste AT-9 do sujeito 1

Seu Ceará recebeu o protocolo do Teste AT-9 e, após breves instruções sobre o procedimento, foi apresentada a consigna do teste, pedindo que ele imaginasse uma história e a desenhasse considerando os elementos do teste: uma queda, uma espada, um refúgio,

um monstro devorante, alguma coisa cíclica (que gira, que produz, ou progride), um personagem, água, um animal (pássaro, peixe, réptil ou mamífero), fogo.



Figura 1. Desenho do Teste AT-9 feito pelo sujeito 1, Seu Ceará.

Sobre seu desenho, contou a história imaginada:

Essa espada pode dar pro Manezinho. É para ele matar esse monstro, né? Aí esse passarinho, eu vou dar esse refúgio pra ele. Essa água é desse jumento beber. Esse fogo tem que apagar ele, né? Que é para ele não queimar o passarinho. E esse caminhão é para progredir, né? Tem o olho d água ainda, né? O olho d água é para dar água para o jumento, pra ele beber aqui, porque ele tá aqui pertinho, está magro. E agora acabou, né?

No questionário do Teste AT-9, registra que a idéia na qual ele centrou sua composição foi “a idéia do que ia fazer. Cada coisa dessa, a idéia é diferente” e que não foi inspirado em nada para imaginá-la. Entre os nove elementos do teste de sua composição, indicou como essenciais “o caminhão e o jumento” - o elemento cíclico e o animal - e diz que teria vontade de eliminar “o fogo, porque queima, né?”. Registra que a história acaba com “falta de imaginação. Porque a pessoa na minha idade não tem mais. Na minha idade, o pensamento é mais fraco. As



idéias que a gente tinha antes já era.” Responde ainda que se tivesse que participar da cena composta, estaria “montado no jumento. Ia carregar farinha. Fui criado em cima de jumento, carregando farinha.”

O Quadro 1 em anexo registra a representação, a função e o simbolismo atribuídos por Seu Ceará a cada um dos nove elementos do Teste AT-9.

Caixa de Areia realizada pelo sujeito 1

Após receber o material e as instruções sobre o procedimento da Caixa de Areia, Seu Ceará compôs o cenário mostrado na Figura 2, no qual aparecem as miniaturas de um caminhão, de uma aranha caranguejeira e de uma vaca.



Figura 2. Cenário da Caixa de Areia composto pelo sujeito 1, Seu Ceará.

Sobre seu cenário, criou a seguinte história:

Esse caminhão, esse caminhão é o símbolo da minha vida. Desde 1957 que eu piloto isso. Tem 42 anos pilotando caminhão. Esse bichinho aqui é uma caranguejeira. Sabe o que representa pra mim? Representa muita coisa, porque é com esse animal que eu comprava pra fazer medo pro povo, quando eu era menino. Tinha um negocinho que você apertava e pulava, né? Aquele era o meu divertimento:

fazer medo nos outros. Essa vaca, significa sabe o quê? Pra mim, tanto vaca, boi, é uma coisa só. Significa que eu sou do signo de touro, né? Então essa vaca significa o meu horóscopo. Só isso. Contar uma história dessa vaca, desse caminhão e dessa... Mas, é meio difícil, né? Esse caminhão, eu ganhei a vida, posso dizer assim, em cima do caminhão, né? Essa vaca significa que é o símbolo do meu signo, né? E essa caranguejeira, pra mim, foi um animal de brinquedo.

Interpretação dos dados advindos dos instrumentos utilizados com o sujeito 1

O Teste AT-9 e a Caixa de Areia revelaram a estrutura sintética sincrônica do imaginário de Seu Ceará, pois ele apresenta imagens e símbolos ao mesmo tempo místicos - imagens de aconchego e paz (joão-de-barro) e heróicos - de luta e revolta, transita pelo movimento (cíclico), disseminando as imagens no durandiano regime noturno de imagens de aconchego (joão-de-barro) e paz. No Teste AT-9 verifica-se uma tendência à desestrutura, devido aos seguintes fatores: os elementos estão desenhados sem a conexão desejada, a história contada por ele apresenta-se bastante fragmentada e sua fala mistura datas. Apesar da pouca idade cronológica e do tempo ainda reduzido de permanência no asilo, ele já “funde e confunde” a realidade com a imaginação (HILLMANN, 2001, p.108-110).

Diante da angústia do passar do tempo, ele luta; entretanto, ao considerar sua impotência, despista o medo, a morte e confessa que quer sossego, descanso. Seu Ceará denuncia que “nesse asilo, o idoso precisa lutar para sobreviver”; ele briga pelos seus direitos, quer heroicamente que a organização escute sua voz, suas vontades, seu ponto de vista. Mas, ao mesmo tempo, quer descansar. Ele confessa que ainda



precisa fazer cirurgia em um de seus olhos e, por isso necessita ficar no asilo. Suas denúncias foram diversas: falta de respeito com os idosos, despreparo dos profissionais de saúde, agressão física e psicológica. Afirmou: “isso aqui não é lugar de gente viva, não”.

Novamente, o caminhão aparece e foi colocado no centro da Caixa de Areia, ou seja, é o motivo central de seu jardim da alma e, assim como no Teste AT-9, foi considerado por Seu Ceará como um dos elementos essenciais em torno do qual ele construiu seu desenho e sua dramatização. Da mesma forma, coerentemente com o protocolo do Teste AT-9, esse sujeito simbolizou o caminhão como vida, com função de progresso.

A Caixa de Areia confirmou os duplos movimentos de luta e descanso. Além disso, demonstrou consciência sobre sua vida. Falou de sua história e revelou o seu imaginário.

Este idoso lutou o quanto pôde para defender seus interesses e os de colegas. É um cidadão com percepção dos fatos, que conhece o Estatuto do Idoso, e mostra possuir senso crítico ao afirmar: “[...] aqui é um abrigo de ‘idoido’. Um cara cismou comigo porque eu disse ‘só tem doido’. Pois é, quem que é bom de juízo aqui? Só eu e um outro que tinha lá em cima, só. O resto tudo é débil”.

Considerando os dados emergidos no protocolo do teste e na fala de Seu Ceará, percebe-se forte presença heróica, apesar de aparecerem imagens místicas. Há a presença do caminhão, elemento cíclico do Teste AT-9 e objeto centrado na Caixa de Areia. Assim, ele apresenta microuniverso disseminatório sincrônico com tendência à desestrutura.

Sujeito 6 - Dona Déia:

Asilada do sexo feminino, 52 anos de idade, solteira, católica, estava se alfabetizando na instituição e tinha dez anos de permanência no asilo no período da pesquisa.

5.2.1 Protocolo do Teste AT-9 do sujeito 6

Dona Déia recebeu o protocolo do Teste AT-9 e, após breves instruções sobre o procedimento, executou o desenho mostrado na Figura 3, de acordo com as consigas do teste.



Figura 3. Desenho do Teste AT-9 feito pelo sujeito 6, Dona Déia.

Sobre seu desenho, criou a seguinte história:

Já vi desses bichinhos do Horto. Tem o quati, o tamanduá-bandeira, tem o tatu, tem a tartaruga, tem o jabuti, tem aquele peixe-boi, tem a cobra, tem o pavão. Tem outro bicho que eu esqueci o nome dele, ele é preto. Tem a onça, tem o leão. Tem o veado “gaieiro”, tem ovelha. Tem muitos bichos que a gente não sabe o nome. Tem a zebra, tem a ema, tem a siriema, tem o papagaio, tem a mulata, tem a aranha. Tem essa porção de bicho, só que eu não sei mais não.

Respondeu ao questionário do Teste AT-9, onde registra que a idéia na qual ela centrou sua composição foi “pensei na mulata” e que não foi inspirada em nada para imaginá-la. Entre os nove elementos do teste de sua composição, indicou como essencial “leão” e diz que teria vontade de eliminar “a espada, porque ela fere as pessoas.” Responde



no questionário do teste que a história acaba com “é isso mesmo.” Responde ainda que se tivesse que participar da cena composta “queria ficar no lugar do bem, não pro mal.”

No Quadro 2 são mostrados a representação, a função e o simbolismo atribuídos por Dona Déia a cada um dos nove elementos do Teste AT-9.

Caixa de Areia realizada pelo sujeito 6

Após receber o material e as instruções sobre o procedimento da Caixa de Areia, Dona Déia compôs o cenário mostrado na Figura 4.



Figura 4. Cenário da Caixa de Areia composto pelo sujeito 6, Dona Déia.

Sobre seu cenário, criou a seguinte história:

“Não sei contar história não. Achei bonito a Santa Rita e do menino Jesus [bailarina na concha]. Aqui é um dos três Reis Magos [mostrando o farricoco]. E aqui uma vaquinha.”

Interpretação dos dados advindos dos instrumentos utilizados com o sujeito 6

A angústia do passar do tempo para Dona Déia aparece na representação desses animais. O leão é o elemento em torno do qual a cena foi construída e tem a função de devorar as pessoas, simbolizando medo.

Dona Déia considera o asilo “bom”. No entanto, quanto à nova direção, disse: “[...] mais ou menos. [...] porque eles é bom.”. Existe uma incoerência, mas esse sujeito

relatou: “[...] agora está sendo a mudança do conselho central pra cá”. Assim sendo, percebe-se incoerência nas respostas dela.

Percebe-se a presença do caos, da desorganização no imaginário de Dona Déia. Durand, G. (1997, p. 74) argumenta que

O esquema da animação acelerada que é a agitação formigante, fervilhante ou caótica parece ser uma projeção assimiladora da angústia diante da mudança, e a adaptação animal não faz mais, com a fuga, que compensar uma mudança brusca por outra mudança brusca.

O cenário de Dona Déia na Caixa de Areia também revela caos. Ela utilizou grande parte dos objetos disponíveis para a montagem de seu cenário mas sem coerência, ou seja, não conseguiu estruturar uma idéia para a história de seu cenário. Ela não conseguiu compor um cenário, sendo sua coerência mítica nula.

Existem movimentos da esquerda para a direita na Caixa de Areia desse sujeito e vários objetos colocados sem nenhuma ligação, sem organização, sem coerência. Nesse cenário existem diversos tipos de animais, do mesmo modo como ocorreu em seu Teste AT-9.

Sujeito 8, Seu Jesuíno:

Funcionário do sexo masculino, 54 anos de idade, casado, católico, ensino fundamental incompleto e permanência no asilo de dois anos no período da pesquisa.

Protocolo do Teste AT-9 do sujeito 8

Seu Jesuíno recebeu o protocolo do Teste AT-9 e, após breves instruções sobre o procedimento, executou o desenho mostrado na Figura 5, de acordo com as consigas do teste.



almoço e ficou guardado. Então, chegava uma pessoa carente, pobrezinha e pedia alimento, e disse o dono da casa, eu vou te dar esse alimento, porque é... Então, por isso que eu trabalho aqui. Baseio nos ensinamentos

Interpretação dos dados advindos dos instrumentos utilizados com o sujeito 8

Esse sujeito apresenta microuniverso mítico desestruturado com tendência ao sintético. Seu Teste AT-9 e Caixa de Areia mostram confusão de idéias e mistura de fatos religiosos com sua vida. Não distingue o real do imaginário, ou seja, a realidade de sua imaginação. Seu círculo de vida se constrói na religiosidade. Seu discurso precário revela a fixação e cristalização dos dogmas religiosos.

Os instrumentos utilizados evidenciam sua postura religiosa que ora luta e ora descansa, levando à identificação sintética da estrutura de seu imaginário.

Parece haver boa intenção desse sujeito em ajudar os idosos; no entanto, nota-se seu despreparo em lidar com as dificuldades e/ou a diversidade. Ele quer eliminar um “problema” criando outro. Em sua concepção, deveria separar a ala feminina da masculina, porque os homens são mais “baguncentos”. Ele quer resolver algo que o incomoda sem ouvir os idosos e as idosas, tentando eliminar o efeito e não a causa desconhecida ou não compreendida por ele. Esses homens parecem estar reivindicando atenção, carinho e respeito. Eles são cuidados por monitores do sexo masculino, enquanto as mulheres são cuidadas por monitoras do sexo feminino. Alguns teóricos, citados por Néri (2001), argumentam que a dinâmica do cuidado é mais feminina. Verifica-se assim que os homens, muitas vezes dependentes de auxílio para o atendimento de suas necessidades básicas, são mais negligenciados no que diz respeito à atenção dos funcionários. A situação é complexa e na sua complexidade, sem reduções ou

simplificações, precisa ser tratado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado da pesquisa mostra que tanto o teste AT-9 como a Caixa de Areia são instrumentos válidos para o detectar o imaginário e o jardim da alma de grupos e de indivíduos. Com os dados míticos é possível compreender o que permeia o discurso e as ações dos sujeitos no dia-a-dia de uma instituição asilar. Os fragmentos da pesquisa aqui apresentados mostram os seguintes micro universos míticos: sintético com tendência ao desestruturado (o asilado Seu Ceará); desestruturado (a asilada Dona Déia) e desestruturado com tendência ao sintético (o diretor Seu Jesuíno).

Os dados analisados revelam que os idosos não querem lutar (pulsões íntimas), mas, por vezes, precisam fazê-lo pela pressão social do asilo (intimações do meio), revelada em falhas na administração, na relação humana, no uso de medicamentos, em intrigas, fofocas e roubos, o que os faz verbalizar e expressar, cada um à sua maneira, aquilo com que não concordam.

Seu Ceará (sujeito 1) falou sem medo, sem restrições, mas outros idosos que de certa maneira dependiam da instituição, devido a limitações físicas e por não terem outro lugar para viver, não reclamaram em seu discurso da administração. Os homens idosos denunciavam, mas as mulheres permaneciam caladas.

Quanto às pessoas envolvidas na organização do asilo, percebeu-se insatisfação da parte de alguns e vontade de luta de outros. No entanto, não se verificou nos registros dos protocolos deste grupo a presença de um imaginário com estrutura heróica. A estrutura do imaginário do grupo de pessoas envolvidas na administração se apresentou de forma sintética ou mística com a presença de desestrutura, o que pode estar comprometendo a qualidade de vida dos idosos e das idosas no asilo em pauta. Seu Jesuíno (sujeito 8), caso apresentado neste



artigo, tenta lutar como se fosse um missionário para “salvar” os idosos e as idosas asilados. Ele pensou em separar as alas masculinas e femininas a ponto de não haver contato entre elas porque, na visão dele, os homens “atrapalham” muito, são mais desorganizados, “incomodam” mais. Como disse Seu Ceará, “isto aqui é um lugar de ‘idoidos’”.

Os homens asilados manifestam mais sua insatisfação do que as mulheres. Às vezes não verbalmente, mas por atitudes, incompreendidas pela administração. Fazem sujeira, o que pode ser sinal de revolta, de um grito, de um pedido por mais cuidado e atenção, ou uma maneira de lutar, de não querer aceitar o que a administração quer impor a eles.

Outro fator a ser considerado é sobre os efeitos das doenças. Como já foi afirmado, segundo Kimmel (1994 apud, NÉRI, 2001), as idosas doentes terminais são mais afetadas pelos efeitos de sua doença sobre os outros, ao passo que os homens são mais afetados pela dependência, pela dor e pelos efeitos da doença sobre o exercício de papéis sociais.

A questão da dependência pode não ser bem vista pelos homens asilados. Sob a influência do social, as pessoas envolvidas na organização do asilo podem reforçar essa idéia quando são mais cuidadosas com as idosas asiladas do que com os idosos asilados. Se os homens são mais incomodados com dependência do que as mulheres, e se eles se mostram menos dependentes, podem recusar a ajuda dos funcionários. Como resposta a esse comportamento, as pessoas envolvidas na organização do asilo lhes dão menos atenção na relação de cuidado, e então é reforçada a idéia de que o idoso asilado pede menos auxílio em suas tarefas, ou seja, ocorre um processo recursivo, fundamentado no preconceito a respeito da fragilidade da mulher e na resistência do homem em pedir auxílio.

A variável tempo de permanência no asilo influencia os idosos e as idosas asilados, embora os resultados desta pesquisa não

tenham demonstrado que este seja um fator determinante. Quanto mais tempo o idoso fica no asilo, maior a interferência do ambiente sobre o seu imaginário, sendo possível a desestrutura deste e a perda de vontade ou da condição de lutar. Durand, Y. (1988) destaca a influência do contexto sócio-cultural na realização das produções imaginárias dos seus sujeitos. Sendo assim, deve-se considerar o tempo de permanência no asilo ao lado de outros fatores e condições.

Na instituição participante da pesquisa pode-se destacar que: os administradores não consideram as idiossincrasias do grupo; parecem não saber o que caracteriza a velhice, o processo de envelhecimento e os próprios velhos, nem o que deve ser um asilo. Assim, fica evidente pelas denúncias dos idosos o despreparo das pessoas que lá trabalham.

A convivência no asilo pesquisado deixa a convicção de que uma instituição nesses moldes não serve mais às necessidades sociais da velhice no século XXI. Portanto, faz-se imprescindível que novas opções para abrigar velhos sejam pensadas, criadas e oferecidas; instituições que possam favorecer a autonomia e possibilitar atividades externas, sempre que a realidade complexa dos velhos assim o permita. Tais instituições devem administrar a vida de idosos, mas sem tirar-lhes a autonomia. Aos dirigentes e funcionários cabe ter a consciência de que estão administrando uma organização que envolve idosos, pessoas que podem ter o imaginário desestruturado em decorrência da própria situação de vida de cada um. Desse modo, é de suma importância ajustar, o máximo possível, as condições do asilo, hoje denominada Instituição de Longa Permanência – ILPI, à população idosa.

Enfatiza-se aqui a importância da presença do gerontólogo e dos princípios da gerontologia nas Instituições de Longa Permanência.

Dentro da antropologia do imaginário, é necessário pensar sobre as pressões negativas do meio cósmico social no meio asilar, dos maus-tratos, do não entendimento



da separação do homem e da mulher quando querem, por exemplo, namorar.

Nesta pesquisa, verificou-se que a maneira de ver o mundo, ou seja, o imaginário das pessoas envolvidas na organização do asilo em estudo, influenciou as questões administrativas e o relacionamento entre as pessoas envolvidas na organização da instituição e entre estas e os idosos e as idosas.

O gênero parece influenciar a dinâmica do cuidado, na medida em que os homens asilados manifestam seu descontentamento e sofrem as conseqüências disso quando são “ameaçados” com sua exclusão do asilo ou ignorados pelas pessoas envolvidas na organização. Sendo assim, o comportamento “agressivo” dos homens faz com que a ala feminina torne-se preferida pelas pessoas envolvidas na organização em detrimento da ala masculina.

O uso do Teste AT-9 e do método da Caixa de Areia mostrou que ambos os instrumentos podem se complementar na busca dos dados míticos de uma pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMANN, Ruth. *A terapia do jogo de areia: imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade*. Tradução Marion Serpa. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARDOSO, V. R. de. *Velhice Asilada, Gênero e Imaginário*. Brasília, 2005. 221.f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)-Universidade Católica de Brasília.
- CHAGAS, Maria Inês Orsoni; FORGIONE, Maria Cristina Rizzi. *O paciente hemiplégico e o sandplay: uma possibilidade de expressão*. Acta Fisiátrica, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 90-97, ago. 2002.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes: 1997.
- DURAND, Yves. *L'exploration de l'imaginaire: introduction à la modelisation des univers mythiques*. Paris: L'Espace bleu, 1988.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *A velhice, o tempo e a morte*. 1. Reimpressão. Brasília: EdUnB, 2000.
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. *O AT-9 e o imaginário*. Brasília: EdUNB, 1998. (Coleção Textos Universitários).
- LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. (Org.). *O velho e o aprendiz: o imaginário em experiências com o AT-9*. São Paulo: Zouk, 2004.
- MIGLIORINI, Walter José Martins. Imaginário e envelhecimento. *Interface*, Botucatu, v. 3, n. 5, p. 173-174, ago. 1999.
- NÉRI, Anita Liberalesco. *Desenvolvimento e envelhecimento*. São Paulo: Papyrus, 2001.
- SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. *Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil*. 30. ed. Rio de Janeiro: CNB da SSVP, 2001. 108 p.
- VIEIRA, André Guirland; SPERB, Tânia Mara. O brinquedo simbólico como uma narrativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Cidade, v. 11, n. 2, p. 233-252, 1998.
- WEINRIB, Estelle L. *Imagens do self: o processo terapêutico na caixa-de-areia*. Tradução David Gilbert Aubert. São Paulo: Summus, 1993. 148 p.



Quadro 1. Representação, função e simbolismo dos elementos arquetípicos do Teste AT-9 do sujeito 1, Seu Ceará.

Elemento	A. Representado por	B. Função/Papel	C. Simbolizando
Queda	Queda do Manezinho	Quebrar o braço	-
Espada	Espada	Combater	Para o bicho não comer ele
Refúgio	Casinha do João-de-Barro	Para o João-de-Barro criar os filhotes	É o único animal que constrói sua casa
Monstro	Incrível Hulk	Correr atrás do Manezinho	Guerra
Cíclico	Caminhão	Progredir	Vida
Personagem	Manezinho	Brigar	Valentia
Água	Olho d'água	Jumento, beber água	Vida/paz
Animal	Jumento	Para carregar farinha	Animal sagrado/sossego
Fogo	Fogo	Destruir	Força

Quadro 2. Representação, função e simbolismo dos elementos arquetípicos do Teste AT-9 do sujeito 6, Dona Déia.

Elemento	A. Representado por	B. Função/Papel	C. Simbolizando
Queda	Passarinho	Voar/cantar	Sei não
Espada	Espada	Lutar	Morte
Refúgio	Peixeira	Matar	Cortar verdura
Monstro	-	-	-
Cíclico	-	-	-
Personagem	-	-	-
Água	-	-	-
Animal	Leão	Devora pessoas	Medo
Fogo	-	-	-

Quadro 3. Representação, função e simbolismo dos elementos arquetípicos do Teste AT-9 do sujeito 8, Seu Jesuíno.

Elemento	A. Representado por	B. Função/Papel	C. Simbolizando
Queda	Uma coisa que não dê certo	Ajuda, quanto mais apanha, mais aprende	Aprendizado, porque ninguém é perfeito
Espada	Luta	Ensino	Luta preparada p/ não prejudicar ninguém
Refúgio	Deus	Procurar melhorar cada dia	Força
Monstro	Obstáculos	Mostrar se tem capacidade de resolver	Aprendizado
Cíclico	Força	Movimento	Força de vontade
Personagem	Jesus Cristo	Força de vontade	Trabalho
Água	Coisa pura (mas nem sempre ela é; quando bem tratada ela é)	Alimento principal do ser humano	Saúde
Animal	Criação Divina	Gado, por exemplo alimento do ser humano	Alimento
Fogo	Força	Cozinha os alimentos	Força